



Conhecimentos Específicos

PROCESSO SELETIVO 2013

10/12/2012

INSTRUÇÕES

1. Confira, abaixo, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova. Antes de iniciar a resolução das questões, confira a numeração de todas as páginas.
3. A prova desta fase é composta de 10 questões discursivas de Filosofia.
4. As questões deverão ser resolvidas no caderno de prova e transcritas na folha de versão definitiva, que será distribuída pelo aplicador de prova no momento oportuno.
5. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
6. Ao receber a folha de versão definitiva, examine-a e verifique se o nome impresso nela corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
7. As respostas das questões devem ser transcritas **NA ÍNTegra** na folha de versão definitiva, com caneta preta.

Serão consideradas para correção apenas as respostas que constem na folha de versão definitiva.
8. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
9. Não será permitido ao candidato manter em seu poder relógios e aparelhos eletrônicos (BIP, telefone celular, *tablet*, calculadora, agenda eletrônica, MP3 etc.), devendo ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. Caso essa exigência seja descumprida, o candidato será excluído do concurso.
10. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo para a transcrição na folha de versão definitiva, é de 2 horas e 30 minutos.
11. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador de prova. Aguarde autorização para entregar o caderno de prova, a folha de versão definitiva e a ficha de identificação.

FILOSOFIA

DURAÇÃO DESTA PROVA: 2 horas e 30 minutos

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

TURMA

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

CÓDIGO

A citação a seguir é referência para as questões 01 a 03.

"Ademais, já que o termo 'bem' tem tantas acepções quanto 'ser' (...), obviamente ele não pode ser algo universal, presente em todos os casos e único, pois então ele não poderia ter sido predicado de todas as categorias, mas somente de uma. Além disto, já que há uma ciéncia única das coisas correspondentes a cada Forma, teria de haver uma única ciéncia de todos os bens; mas o fato é que há muitas ciéncias, mesmo das coisas compreendidas em uma categoria única — por exemplo, a da oportunidade, pois a oportunidade na guerra é estudada pela estratégia, e na doença pela medicina, e a moderação quanto aos alimentos é estudada na medicina e nos exercícios atléticos pela ciéncia da educação física. Poder-se-ia perguntar o que se quer dizer precisamente com 'um homem em si', se (e este é o caso) a noção de homem é a mesma e uma só em 'um homem em si' e em um determinado homem. Na verdade, enquanto eles são homens não diferem em coisa alguma, e sendo assim, o 'bem em si' e determinados bens não diferirão enquanto eles foram bons. Tampouco o 'bem em si' será melhor por ser eterno, porquanto aquilo que dura mais não é mais branco do que o efêmero."

(Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro I, § 6, 1096a-1096b)

01 - Por que, segundo Aristóteles, é um equívoco pensar o bem como algo universal e eterno?

02 - Algumas linhas antes da passagem acima, Aristóteles emprega a palavra "relativo" para se referir ao que existe por derivação e acidente. Nesse sentido, defender a existéncia de "um homem em si" e de "um bem em si" é o mesmo que admitir que tanto homens quanto bens existiriam apenas como algo relativo? Por quê?

03 - Apesar de criticar acima a noção de "um bem em si", universal e eterno, Aristóteles defenderá a seguir a necessidade de um bem supremo e autossuficiente. De que modo a noção de utilidade, contida na tese de que não se pode "praticar belas ações sem os instrumentos próprios", contribui para desfazer essa aparente contradição na filosofia aristotélica?

A citação a seguir é referência para as questões 04 a 06.

“Mas eu, o que sou eu, agora que suponho que há alguém que é extremamente poderoso e, se ouso dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua indústria em enganar-me? Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto. Com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. Não é necessário que me demore a enumerá-las. Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que não posso corpo algum, é verdade também que não posso nem caminhar nem alimentar-me. Um outro é sentir; mas não se pode também sentir sem o corpo; além do que, pensei sentir outrora muitas coisas, durante o sono, as quais reconheci, ao despertar, não ter sentido efetivamente. Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? (...) Eu não sou essa reunião de membros que se chama o corpo humano; não sou um ar tênu e penetrante, disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, posto que supus que tudo isso não era nada e que, sem mudar essa suposição, verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa.”

(Descartes, *Meditações*, Meditação Segunda, § 7)

- 04 - No texto acima, Descartes emprega um tradicional procedimento filosófico, que consiste em identificar as coisas por meio de seus atributos. Por meio desse procedimento, ele identifica duas espécies de coisas (substâncias). Quais são essas duas espécies de coisas (substâncias) assim identificadas e quais os principais atributos de cada uma delas?**
-
-
-

- 05 - No texto acima, Descartes refere-se a “alguém que é extremamente poderoso (...) malicioso e ardiloso” e que emprega todas as suas forças para nos enganar. Mas Descartes jamais afirma que esse gênio maligno verdadeiramente existe. Para o argumento que ele está desenvolvendo, basta a mera possibilidade da sua existência. Qual o papel da mera possibilidade da existência desse gênio maligno no argumento de Descartes?**
-
-
-

- 06 - Para Descartes, o que é mais fácil conhecer: nosso espírito ou o que lhe é exterior? Por que um e não o outro?**
-
-
-

A citação a seguir é referência para as questões 07 e 08.

“Enquanto o indivíduo, em contraposição a outros indivíduos, quer conservar-se, ele usa o intelecto, em um estado natural das coisas, no mais das vezes somente para a representação: mas, porque o homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máquina *bellum omnium contra omnes* (a guerra de todos contra todos) desapareça de seu mundo. Esse tratado de paz traz consigo algo que parece ser o primeiro passo para alcançar aquele enigmático impulso à verdade. (...) Os homens, nisso, não procuram tanto evitar serem enganados, quanto serem prejudicados pelo engano: o que odeiam, mesmo nesse nível, no fundo não é a ilusão, mas as consequências nocivas, hostis, de certas espécies de ilusões. É também em um sentido restrito semelhante que o homem quer somente a verdade: deseja as consequências da verdade que são agradáveis e conservam a vida: diante do conhecimento puro sem consequências ele é indiferente, diante das verdades talvez perniciosas e destrutivas ele tem disposição até mesmo hostil.

(Nietzsche, “Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral”, § 1)

- 07 - No texto acima, Nietzsche afirma que o que “deve ser verdade” é o resultado de um “acordo de paz”. Isso seria o mesmo que dizer que a busca da verdade é, em última instância, determinada por necessidades sociais? Por quê?**

- 08 - Na sequência da passagem acima, Nietzsche apresentará a sua tese do caráter antropomórfico da verdade. Há elementos (conceitos, afirmações, argumentos etc.) na passagem acima que antecipam o conteúdo dessa tese? Cite e analise um deles.**

O comentário a seguir é referência para as questões 09 e 10.

Na sua apresentação do ensaio “Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral” de Nietzsche (In: *Antologia de Textos Filosóficos*, SEED-PR, 2010), o professor Antonio Edmilson Paschoal observa que, segundo o autor desse ensaio, “o intelecto e, por conseguinte, o conhecimento abstrato que é o seu modo de operar, possui apenas uma função instrumental: ele é um meio usado para a sobrevivência do animal homem, do mesmo modo como outros animais usam garras, chifres e presas. Por este motivo, não se pode esperar do intelecto e do conhecimento abstrato, qualquer desvelamento do mundo que apresente sua essência última, a *coisa em si*. Para Nietzsche, qualquer pretensão acerca do intelecto que o lance para além dessa sua capacidade só pode ocorrer por uma ilusão produzida pelo próprio intelecto, e qualquer sentido que ele encontre por trás da vida, só poderá fazê-lo porque foi ele mesmo que o colocou ali” (p. 526).

09 - Explique por que a seguinte afirmação de Aristóteles poderia ser considerada com um exemplo da espécie da pretensão do intelecto criticada por Nietzsche:

“o homem é por natureza um animal social”

10 - Explique por que a seguinte afirmação de Descartes poderia ser considerada com um exemplo da espécie da pretensão do intelecto criticada por Nietzsche:

“eu sou uma coisa que pensa”
